



Revista Diálogos Interdisciplinares

GEPFIP/UFMS/CPAQ

Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação Interdisciplinar
de Professores

A ECOCRÍTICA EM MORTE E VIDA SEVERINA: CONTRIBUTOS INTER E TRANSDISCIPLINARES AO ENSINO DE CIÊNCIAS

ECOCRITICISM IN MORTE E VIDA SEVERINA: INTER AND TRANSDISCIPLINARY CONTRIBUTIONS TO SCIENCE TEACHING

ECOCRITICISMO EN MORTE E VIDA SEVERINA: APORTES INTER Y TRANSDISCIPLINARIOS A LA ENSEÑANZA DE LAS CIENCIAS

Elisângela Campos Damasceno ¹
Geraldo Jorge Barbosa de Moura ²

RESUMO

A obra *Morte e Vida Severina*, escrita por João Cabral de Melo Neto, enquadra-se no Pós-modernismo ou na Geração de 45 e inova a linguagem literária num tom árido e conciso. Nesse contexto, o presente manuscrito tem como objetivo analisar a perspectiva ecocrítica, mediada pelo poema em tela, como substrato a um ensino inter e transdisciplinar de ciências. Dessa forma, adotou-se, para esta pesquisa, o método da análise do discurso de linha francesa, segundo Michel Pêcheux (2006). Ademais, utilizou-se a abordagem ecocrítica (Garrard, 2006) como um mecanismo complementar de investigação. Sob esse viés, ressalta-se que os principais resultados sinalizam que a Ecocrítica caracteriza-se como uma profícua ferramenta à adoção de um ensino inter e transdisciplinar de ciências na Educação Superior a partir da solidariedade epistemológica entre os cursos de Licenciatura em Letras, Geografia, História e Ciências Sociais. Por conseguinte, essa vertente acadêmico-científica pode desencadear uma formação docente transversal e uma inovadora prática pedagógica, assentadas no compartilhamento epistêmico e na profundidade da inter-relação temática entre as áreas do saber, impulsionando, assim, um ensino sistêmico e integrado de ciências.

¹ Pós-Doutora em Ensino - RENOEN/UFRPE. Doutora em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental pelo PPGEcoH - UNEB - Campus Juazeiro; mestra em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares - PPGFPPI - UPE; especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa - UPE; licenciada em Letras - UPE; líder do GELCE - Grupo de Pesquisa em Estudos de Linguagem, Cultura e Educação do Instituto Federal do Piauí. E-mail elisceno@ifpi.edu.br

² Pós-Doutorado em Comportamento pelo Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos da Universidade do Porto/Portugal. Doutorado em Ciências Biológicas pela UFPB-UFRN/Brasil e UBA/Argentina. Mestrado em Paleontologia pela UFPE/Brasil e UBA/Argentina. Especialização em Anatomia e Morfologia Humana pela UFPE/Brasil, Especialização em Zoologia pela UFRPE/Brasil, Aperfeiçoamento em Bioquímica pela UFPE/Brasil, Aperfeiçoamento em Gestão Ambiental pela UFF/Brasil, Graduação em Ciências Biológicas pela UFPE/Brasil e Formação em Psicanálise pela International Psychoanalytical Association (IPA-Inglaterra/Londres)/Federação Brasileira de Psicanálise (FEBRAPSI-Brasil)/Sociedade Psicanalítica do Recife (SPR-PE). Diretor de Monitoramento Ambiental e Inovação da Agência Estadual de Meio Ambiente-CPRH/Governo do Estado de Pernambuco. Professor e Pesquisador da UFRPE. E-mail geraldo.jbmoura@ufrpe.br



Palavras-chave: Literatura. Interdisciplinaridade. Educação.

ABSTRACT

The work Morte e Vida Severina, written by João Cabral de Melo Neto, falls within Postmodernism or Geração de 45 and innovates literary language in an arid and concise tone. In this context, the present manuscript aims to analyze the ecocritical perspective, mediated by the poem on screen, as a substrate for inter and transdisciplinary science teaching. Therefore, the French discourse analysis method was adopted for this research, according to Michel Pêcheux (2006). Furthermore, the ecocritical approach (Garrard, 2006) was used as a complementary research mechanism. Under this bias, it is noteworthy that the main results indicate that Ecocriticism is characterized as a fruitful tool for the adoption of an inter and transdisciplinary teaching of sciences in Higher Education based on epistemological solidarity between the Degree courses in Literature, Geography, History and Social Sciences. Therefore, this academic-scientific aspect can trigger transversal teacher training and innovative pedagogical practice, based on epistemic sharing and the depth of thematic interrelationship between areas of knowledge, thus promoting systemic and integrated science teaching.

Keywords: Literature. Interdisciplinarity. Education.

RESUMEN

La obra Morte e Vida Severina, escrita por João Cabral de Melo Neto, se enmarca dentro del posmodernismo o Geração de 45 e innova el lenguaje literario en un tono árido y conciso. En este contexto, el presente manuscrito tiene como objetivo analizar la perspectiva ecocrítica, mediada por el poema en pantalla, como sustrato para la enseñanza inter y transdisciplinaria de las ciencias. Por lo tanto, para esta investigación se adoptó el método francés de análisis del discurso, según Michel Pêcheux (2006). Además, se utilizó el enfoque ecocrtico (Garrard, 2006) como mecanismo de investigación complementario. Bajo este sesgo, cabe destacar que los principales resultados indican que la Ecocritica se caracteriza como una herramienta fructífera para la adopción de una enseñanza inter y transdisciplinaria de las ciencias en la Educación Superior basada en la solidaridad epistemológica entre las Licenciaturas en Literatura, Geografía, Historia y Ciencias Sociales. Ciencias. Por lo tanto, este aspecto académico-científico puede desencadenar una formación docente transversal y una práctica pedagógica innovadora, basada en el intercambio epistémico y la profundidad de la interrelación temática entre áreas de conocimiento, promoviendo así la enseñanza de las ciencias sistemática e integrada.

Palabras clave: Literatura. Interdisciplinariedad. Educación.

1. INTRODUÇÃO

A princípio, pontua-se que, conforme Cheryll Glotfelty (1996), a Ecocrítica ganhou impulso na década de 1990, sendo uma ação reacionária dos estudos literários à crise ambiental. Outrossim, a Ecocrítica se assenta como um ramo da Ecologia Humana, que busca analisar as relações entre o ser humano e o ambiente (sociocultural e simbólico), suscitando, assim, um caráter inter e transdisciplinar que pode impulsionar um ensino sistêmico e integrado de ciências.



Concomitantemente, o pesquisador estadunidense Greg Garrard (2006) defende que a Ecocrítica configura-se como uma área inter e transdisciplinar. Sob essa ótica, tal vertente sinaliza a não compartimentação de saberes, enfatizando uma análise menos reducionista dos conhecimentos, uma vez que favorece a abrangência de perspectivas na investigação das relações ser humano-ambiente. Sendo assim, essa corrente científica (articulação Literatura-Ambiente) pode favorecer a adoção de um ensino inter e transdisciplinar de ciências.

Em vista disso, nesta pesquisa, desponta-se, como meio de investigação, a obra *Morte e Vida Severina*, do escritor pernambucano João Cabral de Melo Neto. A esse respeito, cabe destacar que, na obra em tela, emergem-se contextos históricos, geográficos, socioeconômicos, filosóficos, culturais e simbólicos que se relacionam diretamente ao processo de colonização brasileira e às sucessivas neocolonizações que vêm ocorrendo ao longo dos anos.

Nesse caminho, sublinha-se que Aníbal Quijano (2014), sociólogo peruano, conceituou o termo colonialidade como um processo de permanência do ideal de opressão a que os povos colonizados foram submetidos historicamente na América Latina. Desse modo, as relações de subjugação continuam latentes na sociedade contemporânea, sendo perceptíveis nas novas formas de colonialidade do poder e do ser, com vistas a permitir um corpo social cada vez mais injusto e, assim, consolidar a hegemonia da classe dominante.

Assinala-se, também, que, em se tratando do aspecto geográfico da obra em exame, existem diversos ambientes, tais como: o sertão da Paraíba, de onde parte o retirante; além do agreste e zona da mata de Pernambuco e, por fim, o protagonista chega à capital, Recife. Durante esse trajeto, Severino realiza uma viagem em busca de melhores condições de vida. Entretanto, em todos esses espaços, mesmo com características geográficas distintas, o retirante enfrenta a dureza da vida: a miséria e a morte.

A partir desse cenário, depreende-se que o ambiente físico, apresentado na obra em estudo, caracteriza-se como adverso, surgindo, assim, o conceito de “topofobia” (Tuan, 2005, p. 32) para discutir a relação entre o ser humano e as intempéries, como, por exemplo, os longos períodos de estiagem. Dessarte, a Ecocrítica se projeta como uma área aberta a possíveis interlocuções com inúmeros campos epistêmicos, podendo, assim, desencadear um ensino inter e transdisciplinar de ciências.

No que concerne ao poema narrativo-dramático *Morte e Vida Severina*, destaca-se que a linguagem é árida e árdua assim como a trajetória do retirante, protagonista do enredo, visto que, segundo o crítico literário Antonio Cândido (2009), é difícil assimilar a sintaxe cabralina e, mais ainda, transcendê-la. Daí a necessidade de um olhar bastante acurado para compreender as nuances dessa obra-prima da Literatura brasileira.



Nesse sentido, para Cândido (2009), a poesia intrínseca à narrativa possibilita a imersão do leitor numa polissemia interpretativa, percorrendo imagens intangíveis que despertam a apreensão da realidade concreta, como, por exemplo, a saga do retirante que percorre ambientes de penúria e morte em meio ao abismo social e à concentração fundiária que agravam a sua situação de miséria.

Por conseguinte, a obra cabralina continua latente na contemporaneidade e questiona a sociedade neocolonial que ainda oprime e explora as classes menos prestigiadas economicamente. Nessa linha de raciocínio, sublinha-se que, conforme afirmou o sociólogo Gilberto Freyre (2004), há, pelo menos, dois nordestes: o agrário e o pastoril: o litorâneo da cana-de-açúcar e o sertanejo das fazendas de gado. Analogamente, segundo Tavares (2007), na poesia de Cabral, há o seco e o úmido; o da pedra e o da lama; o que é mumificado vivo pelo sol e o que é apodrecido pelo mar.

No tocante ao autor, João Cabral de Melo Neto, é válido relatar que, segundo José de Nicola (1998), o escritor tem origem tradicional, centrada nos grandes proprietários de terra do Nordeste. Desse modo, salienta-se que Cabral passou sua infância entre os engenhos da família nas cidades de São Lourenço da Mata e Moreno no Estado de Pernambuco. Ademais, ponderase que, embora fosse abastado, soube problematizar a miséria do retirante e, de modo geral, dos trabalhadores rurais que lutavam pela subsistência naquela região.

Retomando o caráter aberto e polissêmico de *Morte e Vida Severina*, faz-se imperiosa uma abordagem inter e transdisciplinar, com vistas a uma análise complexa das relações epistêmicas que circundam a obra. Nessa perspectiva, segundo Olga Pombo (2005), não existe uma explicação exata para o que seja interdisciplinaridade, mas a autora faz uso de expressões que se remetem ao termo: sensibilidade à complexidade; atenção a estruturas profundas que possam articular o que aparentemente não é relacionável. Dessa maneira, a interdisciplinaridade capta fenômenos epistemológicos multidimensionais.

Simultaneamente, a transdisciplinaridade, consoante a pesquisadora Maria Nelida Gómez (2005), configura-se como um núcleo aberto que busca uma atitude dialogal perante o saber e o modo de ser. Dessarte, a realidade hodierna é complexa e apela para a necessidade fundamental de procurar estabelecer pontes entre as mais diversas disciplinas, temáticas e ciências, além de empreender vínculos entre a pluralidade de conhecimentos, saberes e seres, refutando, por essa via, o fenômeno avassalador da especialização e dos processos redutores de racionalização seletiva.

Diante da contextualização supracitada, este artigo tem por objetivo analisar a perspectiva Ecocrítica, a partir da obra *Morte e Vida Severina*, como uma possibilidade inter e



transdisciplinar ao ensino de ciências. Ressalta-se, ainda, que o presente manuscrito parte da hipótese de que a Ecocrítica é uma ferramenta aberta e, por isso, sugere várias relações epistêmicas, que podem favorecer a adoção de um ensino inter e transdisciplinar de ciências na Educação Superior, por exemplo. Outrossim, sob essa corrente científica, é possível congregar temáticas de cursos de Licenciatura (Letras, Geografia, História e Ciências Sociais), sinalizando, portanto, uma formação docente com solidariedade epistemológica.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A princípio, reitera-se que esta pesquisa salienta, como meio de investigação, o poema narrativo-dramático *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto. Sendo assim, para análise dos fragmentos literários, utilizou-se como método a Análise do Discurso de Linha Francesa que, segundo Michel Pêcheux (2006), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. Isso posto, o indivíduo é questionado em sujeito pela ideologia e é, assim, que a língua faz sentido.

Corroborando Pêcheux (2006), Eni Orlandi (2012) reforça que a Análise do Discurso de Linha Francesa considera as condições de produção em que a obra foi escrita e o contexto histórico-social do país, destacando essas características como muito relevantes para a análise deste estudo, visto que é através de tais ferramentas que será realizada a análise do discurso na obra em questão.

Ademais, na Análise do Discurso de Linha Francesa, há de se levar em conta os fatores histórico-sociais que envolveram a produção do discurso e também os sentidos implícitos e explícitos do texto. Vale apontar, ainda, que, na análise do discurso consoante Orlandi (2012), procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico na relação do ser humano com a sua história e com as construções sociais, norteado pela capacidade de significar e significar-se, validando, assim, tais sentidos no discurso do autor através das considerações de suas condições de produção, as quais compreendem, principalmente, o sujeito e a situação (contexto imediato e contexto amplo).

Nesse sentido, ressalta-se que, para compreender as condições de produção no que tange ao sujeito que enuncia – João Cabral de Melo Neto – e a situação, foi realizada pesquisa bibliográfica relacionada ao autor e ao período histórico em que se insere a obra *Morte e Vida Severina*, além de ter sido considerada a ideologia intrínseca ao discurso produzido pelo sujeito que fala no texto consoante os estudos de Pêcheux (2006).



Para Orlandi (2012), as condições de produção das obras se caracterizam como formações imaginárias que se integram às relações de forças (os lugares sociais dos interlocutores e sua posição relativa no discurso), às relações de sentido (o coro de vozes ou a intertextualidade, ou seja, a articulação que existe entre um discurso e outros) e a antecipação (a maneira como o locutor assimila as representações do seu interlocutor e vice-versa). Desse modo, o presente artigo considera essas ponderações da autora, a fim de que sejam desvelados os sentidos que permeiam os discursos da obra em exame.

Vale acrescentar, ainda, que, como uma perspectiva complementar, adotou-se a abordagem ecocrítica que, para Elisângela Sarmento e Geraldo Moura (2024), caracteriza-se como uma profícuia corrente de investigação inter e transdisciplinar das relações entre o ser humano e o ambiente (sociocultural e simbólico), podendo, assim, despontar análises profundas e abrangentes acerca de tais imbricações.

Diante do exposto, para construir o marco teórico deste manuscrito, foram acessadas 29 (vinte e nove) publicações, como artigos científicos, localizados em periódicos online e em anais de eventos, disponibilizados eletronicamente, que remontam às primeiras décadas dos anos 2000, além de e-books e livros de críticos literários brasileiros.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Literatura suscita funções múltiplas, dentre elas a de denúncia social, podendo evidenciar problemas que afligem uma época num dado lugar. Partindo desse pressuposto, o crítico literário Alfredo Bosi (2006) afirma que o Pós-modernismo (1930-1945) ou Geração de 45, no qual João Cabral de Melo Neto se insere, trouxe um regionalismo universal, guiado por uma construção árida da linguagem. Sob esse viés, pode-se afirmar que a poesia, emanada por Cabral, incita a reflexão de inúmeros temas, sejam eles socioculturais ou simbólicos.

Ainda segundo Bosi (2006), o poema *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, contextualiza a miséria do retirante, em consequência do abandono do Estado, conforme se identifica no trecho abaixo:

— O meu nome é Severino, / não tenho outro de pia... Somos muitos Severinos / iguais em tudo na vida: na mesma cabeça grande / que a custo é que se equilibra, / no mesmo ventre crescido / sobre as mesmas pernas finas / e iguais também porque o sangue, / que usamos tem pouca tinta (Melo Neto, 2010, p. 2).

Além disso, cabe destacar que a generalidade (“somos muitos Severinos”) suscita a invisibilização das identidades desses nordestinos. Dessarte, o (s) retirante (s) é (são) visto (s)



de forma padronizada, para que se evidencie a sua desvalorização social. Sendo assim, na obra em exame, há uma homogeneidade na referência ao sertanejo, com vistas a descaracterizá-lo enquanto individualidade e pessoa humana e, portanto, um sujeito de direitos.

Nessa linha de raciocínio, conforme Juracy Marques (2017), abordagens simplistas e homogêneas tornam invisíveis as individualidades dos seres, que requerem um olhar plural e ontológico para a apreensão de suas múltiplas relações (ambientais, sociais, culturais, psicológicas e transcentrais). Sendo assim, cada indivíduo é único no universo e apresenta peculiaridades que o distinguem entre si, embora com algumas características comuns.

Partindo dessa premissa, torna-se imperativa a discussão em torno do direito à dignidade do sertanejo. Sob uma esteira internacional, vale mencionar que, desde 1948, os Direitos Humanos estão delineados na Declaração Universal, promulgada pela Organização das Nações Unidas. Nessa ótica, na obra em questão, Cabral denuncia violações a esse documento, como, por exemplo a falta de acesso à alimentação e à saúde.

Isso pode ser reverberado, quando, no poema em apreço, ficam explícitos os problemas sociais, como a desnutrição e a anemia que assolam a vida miserável do sertanejo: “... na mesma cabeça grande / que a custo é que se equilibra, / no mesmo ventre crescido / sobre as mesmas pernas finas / e iguais também porque o sangue, / que usamos tem pouca tinta” (Melo Neto, 2010, p. 2).

Ademais, vale pontuar que, devido à inércia do Estado em cumprir com o papel de assegurar os direitos básicos do sertanejo, este se sente obrigado a abandonar a terra natal em busca de melhores condições de vida: “passo a ser o Severino / que em vossa presença emigra” (Melo Neto, 2010, p. 3). Essa negligência estatal agrava o fluxo migratório de sertanejos, principalmente durante os longos períodos de estiagem, como se pode identificar no excerto a seguir: “— Onde a Caatinga é mais seca, / onde uma terra que não dá / nem planta brava” (Melo Neto, 2010, p. 3-4).

Diante desse cenário adverso, cabe ressaltar as contribuições do geógrafo chinês Yi-Fu Tuan (2005) quanto à relação entre fenômenos naturais atrozes e a subjetividade do ser humano na articulação com o lugar habitado. Nesse contexto, Tuan (2005) lança mão do conceito de topofobia – aversão, medo ou pavor na imbricação com o caos do espaço retratado. Sendo assim, pode-se afirmar que, em *Morte e Vida Severina*, o personagem principal descreve as suas origens como um local imerso em intempéries (fenômeno da seca), despertando, assim, sentimentos topofóbicos, conforme se pode atestar nos fragmentos: “... na mesma serra / magra e ossuda em que eu vivia” (Melo Neto, 2010, p. 2); “— Pois fui sempre lavrador, / lavrador de terra má” (Melo Neto, 2010, p. 9).



Levando em conta essa descrição topofóbica, a falta de políticas públicas para a convivência com o semiárido, segundo o professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Roberto Silva (2003), gerou no sertão, ao longo de sucessivas décadas, uma conjuntura de miséria, que foi explicitada com engenho e arte no poema em estudo, como coadunam os trechos a seguir: “... levas somente / coisas de não: / fome, sede, privação / ...” (Melo Neto, 2010, p. 7); “morre gente que nem vivia” (Melo Neto, 2010, p. 19).

Esse estado de penúria, devido a longos períodos de estiagem, faz despertar no sertanejo as “pulsões de morte” (Freud 1915, p. 35) que representam a necessidade de resistência do retirante, concedendo-lhe força e coragem para superar as adversidades e sobreviver: “não há espécie de terra / que eu não possa cultivar” (Melo Neto, 2010, p. 9); “essa gente do Sertão / que desce para o litoral / fica vivendo no meio da lama, / comendo os siris que apanha” (Melo Neto, 2010, p. 19).

Observando esse quadro deletério em que o retirante se depara na migração de sua terra natal (sertão) para outros espaços em busca de subsistência, verifica-se uma tragédia que não o abandona. Quanto a isso, o filósofo Friedrich Nietzsche (1999) pondera que há, no ser humano, uma força dionisíaca que o permite encarar a realidade cruel em que se encontra. Com isso, adquire ânimo, para que vença as dificuldades e continue o seu caminho na luta pela vida: “— Severino, retirante, / o meu amigo é bem moço; / sei que a miséria é mar largo, / não é como qualquer poço: / mas sei que para cruzá-la / vale bem qualquer esforço” (Melo Neto, 2010, p. 21).

Acerca dessa realidade atroz, vale destacar, ainda, os seguintes trechos da obra:

— Desde que estou retirando / só a morte vejo ativa, / só a morte deparei / só a morte tenho encontrado / quem pensava encontrar vida, / e o pouco que não foi morte / foi de vida severina / aquela vida que é menos / vivida que defendida, / e é ainda mais severina / para o homem que retira (Melo Neto, 2010, p. 7-8).

Considerando a discussão ora exposta, pode-se afirmar que a Ecocrítica (correlação Literatura-Ambiente) vem possibilitando, no corpo deste manuscrito, interfaces com diversos conhecimentos, a saber:

- . Direito (referência à falta de garantia dos direitos humanos do sertanejo – DUDH, 1948);
- . Geografia Humanista (menção ao êxodo rural e à “topofobia” – Tuan, 2005);
- . Psicanálise (alusão às “pulsões de morte” – Freud, 1915);
- . Filosofia (atinência à “força dionisíaca” – Nietzsche, 1999).



Sendo assim, para Sarmento e Moura (2024), a Ecocrítica configura-se como uma área aberta e passível de integrações várias, podendo contribuir para um ensino inter e transdisciplinar de ciências, além de favorecer uma formação docente integrada, podendo ser adotada na Educação Superior, visando a uma ruptura com os isolamentos inférteis, que produzem a redução do conhecimento e uma aprendizagem menos significativa e fragmentada.

Retomando a obra em exame, ressalta-se que, para o retirante e todos os Severinos, há, apenas, uma vida “severina”, aquela que é marcada pela miséria e opressão, seja no sertão, agreste, zona da mata ou no litoral, conforme se verifica no excerto: “E se somos Severinos / iguais em tudo na vida, / morremos de morte igual, / mesma morte Severina: / que é a morte de que se morre / de velhice antes dos trinta, / de emboscada antes dos vinte / de fome um pouco por dia...” (Melo Neto, 2010, p. 2-3).

Esse contexto de extrema pobreza decorre, primordialmente, do passado colonial com suas estruturas de herança medieval, uma vez que é significativa a caracterização do coronel: “por causa de um coronel / que se chamou Zacarias / e que foi o mais antigo / senhor desta sesmaria” (Melo Neto, 2010, p. 2). Nessa perspectiva, esse fragmento faz referência às origens dos problemas agrários nacionais que estão atrelados à lei lusitana das sesmarias, que foi adotada no Brasil-Colônia e, ainda hoje, respinga nas relações fundiárias e sociais.

Sob esse viés e de acordo com a pesquisadora Márcia Motta (2009), as sesmarias representavam quinhões de terra que a Coroa portuguesa concedia aos nobres que aqui começaram a habitar, com o intuito de desenvolver a agricultura. Com essa política, deu-se início à concentração de terra que ainda hoje vigora no país, como reverbera o fragmento: “— Essa cova em que estás... / é a parte que te cabe / neste latifúndio. / — Não é cova grande, / é cova medida, / é a terra que querias / ver dividida (Melo Neto, 2010, p. 12-13).

Outrossim, os latifúndios agravam a situação de miséria em que se encontram os “Severinos”, uma vez que, conforme Girolomo Treccani (2001), não foi fomentada, na gênese da distribuição fundiária, a propriedade familiar (que poderia ter sido destinada aos trabalhadores da terra). Assim, geram-se conflitos pela posse das glebas, visto que há muitos hectares devolutos (sem produtividade) e, por outro lado, existem muitos lavradores que almejam o acesso à própria terra para cultivá-la e produzir a agricultura familiar.

Com isso, foi possível consolidar a hegemonia dos grandes proprietários de terra, bem como a opressão junto aos lavradores, que cuidavam da terra e produziam, mas recebiam uma ínfima remuneração, quando isso ocorria. Levando em conta essa conjuntura desigual e injusta que persiste na contemporaneidade, proporcionou-se o aumento do abismo social, permanecendo, assim, a classe dominante (latifundiários) e a dominada (operários rurais).



Relativamente às questões de conflito de terra, vale destacar as seguintes passagens: “_ A quem estais carregando, / irmãos das almas, / embrulhado nessa rede? / _ A um defunto de nada...; “Sabeis como ele se chama / ou se chamava? / _ Severino Lavrador, / mas já não lava” (Melo Neto, 2010, p. 3);

— E quem foi que o emboscou, / irmãos das almas, / quem contra ele soltou / essa ave-bala? — Ali é difícil dizer, / irmão das almas, / sempre há uma bala voando / desocupada. / — E o que havia ele feito, / irmãos das almas, / e o que havia ele feito / contra a tal pássara? / — Ter um hectare de terra, / irmão das almas, / de pedra e areia lavada / que cultivava / — E era grande sua lavoura, / irmãos das almas, / lavoura de muitas covas, / tão cobiçada? / — Tinha somente dez quadras, / irmão das almas, / todas nos ombros da serra, / nenhuma várzea (Melo Neto, 2010, p. 4-5).

Com base nesses trechos, pode-se corroborar que Cabral denuncia a opressão aos lavradores que detêm alguns hectares de terra. Nessa seara, muitos deles são vítimas de criminosos que buscam se apossar do ínfimo pedaço de chão do qual possuem. Nesse cenário, para Edgar Morin (2001), o horror da morte é a emoção e a consciência da perda de sua individualidade. De modo análogo, João Cabral capta, poeticamente, esse sentimento de invisibilização dos “Severinos Lavradores”, que são tantos no Nordeste brasileiro.

Sob tal panorama, é imperioso destacar, ainda, que a obra em apreço dialoga, também, com o conceito de colonialidade. Acerca desse termo, Quijano (2014) coloca que o objetivo de dominação, iniciado no período colonial, ainda persiste na atualidade. A esse respeito, cabe assinalar os fragmentos: “— Esse chão te é bem conhecido / (bebeu teu suor vendido)”; “— Dentro da rede coisa pouca, / tua vida que deu sem soca” (Melo Neto, 2010, p. 14).

Levando em conta essa perspectiva, o sociólogo Karl Marx (2013) pondera que a força de trabalho, na economia capitalista, configura-se como uma mercadoria pela qual tem ínfimo valor pecuniário e social, posto que a elite obtém a mais-valia ou lucros exorbitantes, enquanto que o trabalhador não recebe um preço justo pelo ofício desempenhado. Nesse contexto, conforme denuncia a obra em estudo, consolidam-se, nas relações sociais, as colonialidades do poder e do ser. Em outras palavras, a classe dominante oprime a dominada, inferiorizando-a, com vistas a manter-se com os seus privilégios, sejam eles econômicos, sociais ou políticos.

A partir dessa conjuntura de opressão forjada ao “Severino”, realça-se que a massiva colonialidade (dominação) não lhe permite a emancipação: “— Mas então por que o mataram, / irmãos das almas, / mas então por que o mataram / com espingarda? / — Queria mais espalhar-se, / irmão das almas, / queria voar mais livre” (Melo Neto, 2010, p. 5). Daí a necessidade de uma educação transformadora (Freire, 2002), capaz de lhe propiciar o direito de sonhar e de “ser mais”.



Sob esse prisma, é fulcral um ensino inter e transdisciplinar de ciências, mediado pela Ecocrítica, a fim de que os processos formativos sejam cada vez mais sistêmicos e integrados, tendo em vista a superação do paradigma clássico, que compartimenta os saberes e produz, muitas vezes, uma qualificação lacônica e ineficaz. Sendo assim, é oportuno o presente diálogo epistemológico, tal como reiterado abaixo:

- . História (referência à lei das sesmarias – Motta, 2009 - e à origem dos problemas agrários nacionais -Treccani, 2001);
- . Geografia (menção à estrutura fundiária do país -Treccani, 2001);
- . Sociologia (alusão às desigualdades fundiárias, conflitos de terra; atinência à colonialidade do poder e do ser – Quijano, 2014; Marx, 2013).

Dessarte, para Alba Feldman (2015), a Ecocrítica caracteriza-se como uma abordagem transversal e, por isso, suscita uma rede de conhecimentos diversos. De modo análogo, afirma-se que essa perspectiva, que une a Literatura ao Ambiente, pode ser um substancial contributo ao ensino inter e transdisciplinar de ciências, além de permitir um processo formativo docente integrador, com o intuito de romper com as disjunções infrutíferas, que desencadeiam a redução do conhecimento e propiciam uma aprendizagem lacônica.

Sob esse viés, de acordo com Ivani Fazenda (2011), a prática pedagógica inter e transdisciplinar no Ensino Superior, mais notadamente nos cursos de Licenciatura, tem um impacto gigantesco na formação de professores para a Educação Básica. E isso se torna fundamental para a mudança da práxis docente, tendo como referencial a promoção de um ensino sistêmico e integrado de ciências.

Revisitando a obra *Morte e Vida Severina*, reitera-se que o que resta aos Severinos é uma trajetória de morte e penúria: “— Deseja mesmo saber / o que eu fazia por lá? / comer quando havia o quê / e, havendo ou não, trabalhar” (Melo Neto, 2010, p. 10); “— É a gente retirante / que vem do Sertão / E que então, ao chegar, / não tem mais o que esperar. / Não tem onde trabalhar / e muito menos onde morar. / E da maneira em que está / não vai ter onde se enterrar” (Melo Neto, 2010, p. 18-19).

Nessa linha de raciocínio, segundo Paula Alves (2014), a identidade do retirante é marcada pelo sofrimento, miséria e morte. Sendo assim, por mais que “Severino” buscasse se afastar da morte, esta o perseguia: “— E esse povo de lá de riba / de Pernambuco, da Paraíba, / que vem buscar no Recife / poder morrer de velhice, / encontra só, aqui chegando, / cemitério esperando” (Melo Neto, 2010, p. 19); “— Não é viagem o que fazem / vindo por essas caatingas, vargens; / aí está o seu erro: / vêm é seguindo seu próprio enterro” (Melo Neto, 2010, p. 19).



Isso posto, a vida famélica do retirante e a existência / resistência de toda a classe oprimida suscitam uma morte em vida (“... da morte em vida, / vida em morte, Severina” - Melo Neto, 2010, p. 12), em face da negação de direitos fundamentais, como alimentação, moradia, saúde e educação. Desse modo, a vida em morte dos Severinos torna-se repleta de privações. Acerca disso, vale ressaltar o seguinte trecho:

— Nunca esperei muita coisa, / digo a Vossas Senhorias. / O que me fez retirar / não foi a grande cobiça; / o que apenas busquei / foi defender minha vida / de tal velhice que chega / antes de se inteirar trinta; / se na serra vivi vinte, / se alcancei lá tal medida, / o que pensei, retirando, / foi estendê-la um pouco ainda (Melo Neto, 2010, p. 15).

Entretanto, em todos os lugares pelos quais passou, Severino se deparou apenas com a morte, fome e miséria, seja de onde partiu: do sertão, seja no Agreste, Zona da Mata ou no litoral (Recife - destino): “Mas não senti diferença / entre o Agreste e a Caatinga, / e entre a Caatinga e aqui a Mata”; “a vida arde sempre com / a mesma chama mortiça”; “a diferença é a mais mínima. / Está apenas em que a terra / é por aqui mais macia” (Melo Neto, 2010, p. 15); “E chegando, aprendo que, / nessa viagem que eu fazia, / sem saber desde o Sertão, / meu próprio enterro eu seguia” (Melo Neto, 2010, p. 20).

A partir desses fragmentos, verifica-se que a colonialidade do poder está impregnada em todos os espaços e ambientes. Desse modo, esse legado de opressão se estende aos tempos atuais, promovendo, assim, a violação da dignidade dos “Severinos”, que são os integrantes da classe desfavorecida economicamente. Nessa direção e de acordo com o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos (2007), o processo de colonialidade está presente nas relações modernas ocidentais, existindo, pois, “este lado da linha” (a dominação) e “o outro lado da linha” (os dominados).

Partindo dessa premissa, Santos (2007) alfineta que essas linhas abissais consistem num sistema de visibilidade (a elite) e invisibilidade (povos oprimidos que, por analogia, referem-se aos Severinos), sendo que os invisíveis consolidam os visíveis. Nessa linha de pensamento, “o outro lado da linha” (onde se fixam os subjugados) desaparece enquanto realidade, o que significa não existir sob qualquer forma de ser relevante, compreensível ou legítimo.

Em contrapartida, o povo sofrido e invisibilizado socialmente, embora se encontrando numa “morte e vida Severina”, tem expectativa de dias melhores. E é essa crença que o mantém ativo na luta incessante pela sobrevivência. Sobre isso, o psicanalista Freud (1915) relata que elementos, como, por exemplo, a fé e a esperança, representam as “pulsões de vida” que não permitem que o ser humano desista de sonhar, de acreditar no futuro e na própria vida.



Analogamente, do ponto de vista filosófico segundo Nietzsche (1999), há, no ser humano, uma força apolínea, que o faz pensar em dias melhores, revigorando as suas energias e lançando-o a novos desafios. Nesse ínterim, na obra em exame, pode-se destacar o nascimento de uma criança como um evento de grande alegria e novo vigor à existência de todos que a cercam:

É tão belo como um sim / numa sala negativa / — Belo porque é uma porta / abrindo-se em mais saídas / — Belo porque tem do novo / a surpresa e a alegria. / — Belo como a coisa nova / na prateleira até então vazia / — E belo porque o novo / todo o velho contagia (Melo Neto, 2010, p. 27).

Esse recém-nascido, mesmo Severino, integra-se às “pulsões de vida”, advogadas por Freud (1915), e à “força apolínea”, exposta por Nietzsche (1999), como se pode identificar no excerto abaixo:

— Severino, retirante, / deixe agora que lhe diga: / eu não sei bem a resposta / da pergunta que fazia, / se não vale mais saltar / fora da ponte e da vida; / nem conheço essa resposta, / se quer mesmo que lhe diga / é difícil defender, / só com palavras, a vida, / ainda mais quando ela é / esta que vê, severina / mas se responder não pude / à pergunta que fazia, / ela, a vida, a respondeu / com sua presença viva. / E não há melhor resposta / que o espetáculo da vida: / vê-la desfiar seu fio, / que também se chama vida, / vê-la brotar como há pouco / em nova vida explodida; / mesmo quando é assim pequena / a explosão, como a ocorrida; / como a de há pouco, franzina; / mesmo quando é a explosão / de uma vida severina (Melo Neto, 2010, p. 28).

Acerca desse episódio, Alfredo Bosi (2006) sublinha o aspecto religioso desse poema cabralino ao afirmar a correlação entre o nascimento do filho de “S. José Mestre Carpina”, descrito acima, e o do Menino Deus (Jesus Cristo), simbolizando, assim, a estrela da esperança. Dessa imbricação, explica-se o fato de esta obra também receber a denominação *Auto de Natal Pernambucano*, estabelecendo pontes entre as questões religiosas e profanas.

Essas interfaces, conforme Sarmento e Moura (2024), abrem caminho a uma análise mais profunda das imbricações entre o ser humano, o ambiente, a sociedade, a cultura e a própria espiritualidade, visto que o ser humano, conforme Morin (2000) é, ao mesmo tempo, racional e emocional, objetivo e subjetivo. Desse modo, unindo aquilo que é inconciliável aparentemente, amplia-se o conhecimento e, em consequência disso, expandem-se, também, as suas múltiplas relações.

Ademais, buscando explicitar outros elementos da obra, cabe salientar as figuras dos vizinhos (“— Minha pobreza tal é / que minha oferta não é rica: / trago daquela bolacha d'água / que só em Paudalho se fabrica” – Melo Neto, 2010, p. 24) que levam presentes ao recém-nascido numa alusão religiosa aos reis magos (“— Todo o céu e a terra / lhe cantam louvor” - Melo Neto, 2010, p. 23).



No entanto, também aparecem, na cena, ciganas que fazem previsões severinas para mais um “Severino”: “é um menino magro, / de muito peso não é, / é uma criança pálida, / é uma criança franzina” (Melo Neto, 2010, p. 26), que se integrará à morte em vida e a vida em morte:

— Atenção peço, senhores, / para esta breve leitura: / somos ciganas do Egito, / lemos a sorte futura. / Vou dizer todas as coisas / que desde já posso ver / na vida desse menino / acabado de nascer: / Cedo aprenderá a caçar: / primeiro, com as galinhas, / que é catando pelo chão / tudo o que cheira a comida; / depois, aprenderá com / outras espécies de bichos: / com os porcos nos monturos, / com os cachorros no lixo. (Melo Neto, 2010, p. 25); — Atenção peço, senhores, / também para minha leitura: / também venho dos Egitos, / vou completar a figura. / Não o vejo dentro dos mangues, / vejo-o dentro de uma fábrica: / se está negro não é lama, / é graxa de sua máquina (Melo Neto, 2010, p. 25-26).

A esse respeito, cabe mencionar que o sistema capitalista, conforme Marx (2013), é tão opressor que elimina a dignidade humana da classe trabalhadora e a impede de alcançar a emancipação, com vistas à transformação social, para que, assim, abandone a sua condição de miséria. Nessa linha de pensamento, o educador Paulo Freire (2002) pondera que é imperativo oportunizar aos indivíduos menos prestigiados economicamente o direito de “ser mais” a partir do acesso a uma educação libertadora que gere vida e mobilidade social.

Entretanto, a omissão governamental impediu, ao longo de sucessivas décadas, o empoderamento da classe trabalhadora, a fim de que a miséria representasse o poder da elite política e econômica do país, uma vez que, segundo o sociólogo porto-riquenho Ramón Grosfoguel (2008), é na discrepância social que se consolida a dominação, sendo replicada de forma avassaladora.

Ademais, considerando a amplitude de inter-relações que a Ecocrítica possibilita, tendo em vista um ensino inter e transdisciplinar de ciências, é oportuno sublinhar que os diálogos epistêmicos aqui propostos apresentam significativas contribuições, principalmente dirigidas à Educação Superior, visto que há, na presente discussão, contínuas interfaces entre Literatura, Geografia, História, Sociologia e Filosofia, suscitando uma solidariedade científica, o que pode subsidiar o processo formativo docente nas Licenciaturas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta pesquisa, pode-se afirmar que a Ecocrítica representa, no meio acadêmico-científico, uma necessária rede epistêmica. Desse modo, essa característica sinaliza a possibilidade de que, na Educação Superior, haja o fomento a uma prática pedagógica integradora, que privilegie um ensino inter e transdisciplinar de ciências nos cursos de



Licenciatura (Letras, Geografia, História, Ciências Sociais, entre outros). Sendo assim, essa perspectiva configura-se como uma alternativa à superação do paradigma clássico-positivista, que compartimenta as áreas do saber e os componentes curriculares, promovendo uma formação isolada, solitária e pouco produtiva.

Partindo dessa premissa, cabe reiterar que, através do viés inter e transdisciplinar, que é peculiar à Ecocrítica, é possível estabelecer interlocuções com diversas ciências, suscitando, assim, um ensino integrado e complexo, capaz de gerar mais solidez e profundidade às análises das relações do ser humano com o ambiente, além de promover imbricações com inúmeras epistemologias em prol de uma aprendizagem significativa e abrangente, desencadeadora de respostas para elucidar os problemas históricos e emergentes que circundam os indivíduos na articulação com a sociedade e a cultura.

Portanto, o presente manuscrito cumpriu com o objetivo proposto de analisar a abordagem Ecocrítica, a partir da obra *Morte e Vida Severina*, como uma possibilidade inter e transdisciplinar ao ensino de ciências na Educação Superior, contribuindo, assim, para uma formação docente sistêmica e integrada. Nesse sentido, o viés ecocritico é um substrato científico-pedagógico transversal e complexo, que pode ser adotado pelos docentes do Ensino Superior e por outros profissionais que ousem experimentar esse horizonte formativo.

5. REFERÊNCIAS

- ALVES, P. de S. **O sentido da morte no poema “Morte e Vida Severina”**. 2014. Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/4864/1/PDF%20-%20Paula%20de%20Sousa%20Alves.pdf>. Acesso em: 28 Abr. 2023.
- BOSI, A. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CANDIDO, A. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS**. 1948. Disponível em: <https://www.unidosparaosdireitoshumanos.com.pt/what-are-human-rights/universal-declaration-of-human-rights/articles-01-10.html>. Acesso em: 23 Abr. 2023.
- FAZENDA, I. C. A. Interdisciplinaridade: definição, projeto, pesquisa. In: FAZENDA, I. C. A. (Org.). **Práticas interdisciplinares na escola**. São Paulo: Cortez, 2011, p. 13-18.
- FELDMAN, A. K. T. Animais na poética indígena norte-americana – duas perspectivas. In: BRAGA, E. F.; LIBANORI, E. V.; DIOGO, R. de C. M. (Orgs.). **Representação animal na literatura**. Rio de Janeiro: Oficina da Leitura, 2015, p. 32-48.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes Necessários à Prática Educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, S.A, 2002.



- FREYRE, G. **Nordeste**. São Paulo: Global Editora, 2004.
- FREUD, S. **O Inconsciente**. In: FREUD, S. **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1915, p. 28-50.
- GARRARD, G. **Ecocrítica**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2006.
- GLOTFELTY, C. Introduction-literary studies in an age of environmental crisis. In: GLOTFELTY, C.; FROMM, H. (eds.). **The ecocriticism reader: landmarks in literary ecology**. Athens / London: The Univ. of Georgia Press, 1996. p. XV-XXXVII.
- GÓMEZ, M. N. G. de A vinculação dos conhecimentos: entre a razão mediada e a razão leve. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro: Laboratório Interdisciplinar em Informação e Conhecimento, v. 1, n. 1, p. 16-37, 2005.
- GROSFOGUEL, R. “Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global”. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 80, p. 115-147, mar., 2008.
- MARQUES, J. **A Ecologia de Freud: Os Ecossistemas da Natureza Humana**, Petrolina: SABEH, 2017.
- MARX, K. **O Capital**. Livro I. Boitempo Editorial, Tradução de Rubens Enderle, 2013.
- MELO NETO, J. C. de. **Morte e Vida Severina**. Belém: Universidade da Amazônia – Núcleo de Educação a Distância, 2010. Disponível em:
<https://colegiocngparanagua.com.br/wp-content/uploads/2020/07/MORTE-E-VIDA - SEVERINA.pdf>. Acesso em: 13 Abr. 2023.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Editora Cortez, 2000.
- MORIN, E. **O Homem e a Morte**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- MOTTA, M. **Direito à terra no Brasil: a gestação do conflito, 1795-1824**. São Paulo: Alameda, 2009.
- NICOLA, J. de. **Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias**. São Paulo: Editora Scipione, 1998.
- NIETZSCHE, F. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Editora Pontes, 2012.
- PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Editora Pontes, 2006.
- POMBO, O. Interdisciplinaridade e integração de saberes. **Liinc em revista**, v. 1, n. 1, p. 3-15, 2005.



QUIJANO, A. **Colonialidad del poder y clasificación socialen cuestiones y horizontes**: de la dependência histórico-estructural a la colonialidad / descolonialidad del poder. Buenos Aires: Clacso, 2014.

SANTOS, B. de S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. Coimbra, v. 78, p. 3-46, 2007.

SARMENTO, E. C. D.; MOURA, G. J. B. de. Ecocrítica e ensino de ciências: possibilidades inter e transdisciplinares. **Revista Interação Interdisciplinar**, v. 6, p. 75-90, 2024.

TRECCANI, G. **Violência e grilagem**: instrumentos de aquisição da propriedade da terra no Pará. Belém: UFPA, ITERPA, 2001.

TUAN, Y. **Paisagens do medo**. Tradução Lívia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2005.